

# REVISTA

DE

# EDUCAÇÃO E ENSINO

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

PEDAGOGIA, SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E INSTRUÇÃO PUBLICA

Sob os auspícios da Direcção Geral da Instrucção Publica  
do Estado do Pará

Director: — OCTAVIO PIRES

## Summario

- PEDAGOGIA** — HYGIENE DOS INTERNATOS (*Continuação*).
- EDUCAÇÃO PHYSICA (*Continuação*), pelo professor de gymnastica **Alfredo Dias** (Da *Revista de Educação e Ensino*, de Lisboa).
- SCIENCIAS** — NOTAS CHRONOLOGICAS, pelo professor **S. Bezerra d'Albuquerque**.
- METEOROLOGIA (*Continuação*), pelo **Dr. A. Tavares**.
- LITTERATURA** — SONETO, pelo **Dr. Alvares da Costa**.
- INSTRUÇÃO PUBLICA** — RELATORIO SOBRE O MOVIMENTO DAS ESCOLAS PUBLICAS, pelo inspector escolar **Sr. Barão de Marajó**.
- REGULAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA (*Continuação*).
- PROGRAMMA DO GYMNASIO NACIONAL, DO ANNO DE 1891.
- NOTICIARIO.**

## ASSIGNATURAS

	Semestre	Anno
Capital . . . . .	6\$000	10\$000
Interior e Estados. . . . .	7\$000	12\$000

As assignaturas são pagas adiantadas e recebem-se na Livraria Bittencourt  
rua 15 de Novembro

Escriptorio da Redacção: — Livraria Bittencourt

Correspondencia — Caixa do correio, 312  
Pará

PARA FEBRES e dores geraes—CAFÉ BEIRÃO.—Evita recaídas.

48—RUA DO ROZARIO—48

## Casa de Pekin

Armazem de Louças e Vidraria

44, R. do Cons. João Alfredo

TEMOS actualmente um primoroso sortimento deapparehos de porcellana e cristaes para o serviço de mesa, vasos para flores, candieiros para cima de consolos e uma infinidade de objectos de luxo e de fantasia; por isso pedimos ao publico o obsequio de fazer suas compras em nossa casa, onde encontrará bonitos e bellos artigos por preços excessivamente modicos.

João Costa & C.<sup>a</sup>

## CAFÉ BEIRÃO

Remedio infallivel p'ra cura completa das SEZÕES. Evita a recaída.

Pharmacia Beirão, Rua do Conselheiro João Alfredo, proximo ao Jardim das Mercês, defronte do Hotel Central.

## Café Quinado "Navegantes"

(LICOR E PILULAS)

Approvado pela Inspectoria Geral de Hygiene Publica dos Estados-Unidos do Brazil

Atestado e receitado por muitos facultativos

Remedio mais poderoso e infallivel para curar radicalmente em poucos dias as SEZÕES (calafrios ou maleitas), Febres intermittentes, Paludosas, Remittentes e Perniciosas; inflamações do figado, baço e intestinos.

Preparado unicamente na Pharmacia NAVEGANTES

DE NAVEGANTES PONTES & CORREA

50—Rua 15 de Novembro—50

—PARÁ—

# ATHENEU PARAENSE

Estabelecimento de Instrucção Primaria e Secundaria

SOB A DIRECÇÃO DE

Raymundo Bertoldo Nunes

Continua a receber alumnos Internos, Semi-internos e Externos

**Successos de Junho** ou **O ultimo motim do Pará**

Um volume com 218 paginas 2\$000.

Vende-se na redacção do «Democrata»

## Livraria "Bittencourt"

15, Rua Quinze de Novembro, 15

Novo Primeiro Livro de Leitura, pelo professor AUGUSTO PINHEIRO, approvado pelo Conselho Superior da Instrucção Publica do Estado do Pará, e mandado adoptar nas escolas do mesmo Estado. E' um bonito volume impresso em magnifico papel, intercalado com finas gravuras, contendo 144 paginas, cartonado 1\$000 réis.

Grammatica Portugueza, de FELIPPE PINTO MARQUES. Um volume cartonado 1\$500 réis.

Magnifico sortimento de livros para Instrucção Primaria e Secundaria, encontra-se sempre na

Livraria «Bittencourt»

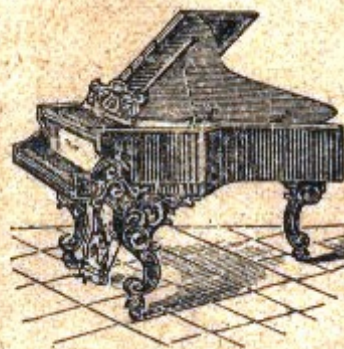
## CAFÉ BEIRÃO

Firmo Euzebio Dias Cardoso, Doutor em Medicina pela faculdade da Bahia e Medico da Intendencia Municipal de Belem, etc.

Attesto que em minha clinica tenho obtido magnificos resultados na applicação do—Café Beirão,— não me tendo falhado um só caso em que tenho empregado tão efficaz preparado, principalmente nas febres de origem palustre; o que attesto *in fide gradus mei*.

Belem, 22 de Outubro de 1890.

Dr. Firmo Dias Cardoso.



## ALBERTO FRENDE & C.<sup>a</sup>

Deposito de pianos e Musicas

Sortimento de magnificos pianos das melhores e mais acreditadas fabricas da Allemanha. Collecções completas de musicas dos melhores autores. Novidades constantemente.

Rua de Santo Antonio, 12

## A. DE OLIVEIRA & C.<sup>a</sup>

## PHOTOGRAPHIA OLIVEIRA

2, R. do Cons. João Alfredo, 2

RETRATOS pelos systemas mais aperfeçoados. Muita perfeição, nitidez e gosto artistico na execução technica dos trabalhos.

3 Premios mensaes aos seus freguezes

Sortimento constante de chapas de varias dimensões e de papel albuminado proprio para amadores.

## Cursos do professor J. de Brito Bastos

Est. de S. Jeronymo, 44

### Curso Particular

FRANCEZ—Terças, quintas e sabbados, das 8 ás 9 da manhã.

ARITHMETICA—Segundas, quartas e sextas, das 8 ás 9 da manhã.

ALGEBRA—Terças, quintas e sabbados, das 9 ás 10 da manhã.

GEOMETRIA—Segundas, quartas e sextas, das 9 ás 10 da manhã.

TRIGONOMETRIA—Quartas e sabbados, das 10 ás 11 da manhã.

### Curso Livre—Lyceu

ARITHMETICA—Terças, quintas e sabbados, das 3 ás 4 da tarde.

ALGEBRA—Segundas, quartas e sextas, das 3 ás 4 da tarde.

GEOMETRIA—Terças, quintas e sabbados, das 4 ás 5 da tarde.

TRIGONOMETRIA—Segundas e sextas, das 4 ás 5 da tarde.



RECEBEM-SE ANNUNCIOS

# REVISTA

DE

# EDUCAÇÃO E ENSINO

DIRECTOR: — OCTAVIO PIRES

VOL. II — NUM. 5

PARÁ — BRAZIL

MAIO DE 1892

## PEDAGOGIA

### HYGIENE DOS INTERNATOS

(Aos nossos directores de collegios)

#### IV

##### DO NUMERO DE ALUMNOS EM RELAÇÃO AO EDIFICIO

Vamos hoje completar os nossos ligeiros conselhos, encetados no ultimo numero d'esta REVISTA, sobre o thema que a este serve de epigraphe.

Vimos precedentemente que, ainda mesmo conservada rigorosamente a proporcionalidade cubica de 20 a 30 metros de ar, por hora, á cada pessoa, não se deverá nunca admittir mais de 30 leitos no mesmo dormitorio.

Não é entretanto só esta parte dos internatos que tem a sua cubagem precisamente calculada pelos hygienistas modernos. As salas de estudos e as das aulas têm tambem o seu algarismo maximo e as suas regras de localisação, a que é preciso sempre attender.

Si a maior parte da noite, nos collegios, é passada nos dormitorios, a maior parte do dia é dividida em aulas e estudos.

Entre nós, felizmente, o clima já fez convencer aos directores e professores a necessidade de não exceder-se de uma hora cada aula, nem de duas cada estudo, de maneira que os recreios, intervallando áquelles dois exercicios, são aqui muito maiores do que em outros paizes. Todavia, nem o maximo de educandos, para cada uma das respectivas salas, é observado em collegio algum nosso,

nem estas são sempre distinctas, na maioria d'estes estabelecimentos, executando-se, por isso, no mesmo recinto, quasi seguidamente, duas praticas diversas: aula e estudo.

Em 1865, o ministro de instrucção publica, em França, aconselhava, em sua *circular ás commissões de hygiene*:

«As aulas devem ser situadas no pavimento terreo. Os estudos serão localizados no 1.º andar superior, de maneira que fiquem nas melhores condições de claridade e asseio; por sobre os estudos se installarão os dormitorios, que terão tambem por cima lugares aproveitaveis a serviços accessorios.»

Não obstante estar já condemnado este systema de muitos andares, para internatos de educação, comtudo ainda é hoje regra hygienica a distincção ou inteira separação das salas para aulas e estudos. E' mister que, após cada exercicio d'estes, o recinto em que houver sido feito seja totalmente lavado por uma corrente de ar puro. Ora, utilizando-se o mesmo lugar para os dois diversos misteres, claro está que não haverá tempo sufficiente, durante os curtos recreios, de ser completamente expurgado dos miasmas exhalados pelos alumnos que sahirem, sendo por isso rapidamente augmentado pelos educandos que entrarem.

Os miasmas no ar que se respira representa em nossa economia intraorganica um papel muito mais nocivo do que o proprio acido carbonico. O hygienista Montegazza<sup>1</sup> demonstrou praticamente esta verdade, por meio da experiencia seguinte:

Tomando dois passarinhos, prendeu cada um d'elles

<sup>1</sup> Elementi d'Igiene.

em sua redoma de vidro, collocando, dentro de uma, um pouco de cal virgem, afim de absorver o acido carbonico á medida que se fosse produzindo, e, no interior da outra, um pouco de carvão animal, para absorver as materias organicas á proporção que fossem desprendidas. O resultado foi que o innocente prisioneiro d'esta segunda redoma viveu muito mais alegre e mais tempo do que o da primeira.

Os corpos vivos estão em perenne exalação de miasmas ou emanações deleterias, que se desprendem na atmosphaera com tanto mais abundancia, quanto mais amplos são os exercicios physicos, que augmentam a respiração cutanea e a expiração pulmonar.

Á vista, pois, de todos estes dados scientificos e experimentaes, facilmente conclue-se não só que as salas de estudos sejam independentes das de aulas, ambas bem ventiladas e dotadas de bastante luz, como que o numero de alumnos não exceda a um certo algarismo, posto que se mantenha invariavel a proporcionalidade cubica de ar precisa. É que quanto maior o numero de pessoas, reunidas em um mesmo recinto, tanto maior tambem a quantidade de miasmas, produzida no seu interior.

D'ahi o motivo da prefixação do maximo em 40 educandos, devendo cada qual dispôr de 1<sup>m</sup><sup>a</sup> de área em salas cuja altura minima seja de 5<sup>m</sup>. Assim um alumno ficará com 5<sup>m</sup><sup>a</sup> de ar, que deverá ser corrente, para a sua constante renovação.

Este algarismo maximo de 40 pessoas é o conveniente não só quanto á hygiene, como quanto á facilidade de fiscalisação por occasião do estudo, que não póde deixar de ser perturbado, quando o numero é exagerado. Por outro lado, é difficilimo que, em uma aula de mais de 40 aprendizes, possa o professor occupar-se proveitosamente com cada um d'elles.

Como tudo isto é tão contrariado entre nós!

Felizmente a constituição medica d'esta capital é sempre a mais lisongeira possivel, razão porque não temos tido occasião de lamentar, senão muito esporadicamente, os máos effeitos de um tão completo abandono da hygiene dos collegios. Comtudo, se não se manifestam francamente, de modo visivel aos olhos dos leigos, produzem-se entretanto lentamente e não escapam á observação scientifica, que n'elles vê mais um motivo da nossa rapida degeneração physica.

Com effeito, si um ar oxygenado e puro é-nos um optimo e indispensavel alimento á nutrição physica, toda vez que se tornar confinado e impuro produzirá forçosamente qualquer desequilibrio, por menor e mais insensivel que seja, de que se resentirá o organismo, *maxime* um organismo de criança, ainda em franco periodo de

crescimento, época em que a despeza sobrepuja á receita na economia animal. A nutrição insufficiente sendo o resultado fatal de um máo ambiente respirado, trará, por sua vez, como consequencia certa o definhamento geral ou degeneração histologica.

Resta-nos somente tratar agora do maximo de educandos com relação á área total de um internato.

Dissemos já, em um dos nossos anteriores escriptos, que o numero de alumnos admissiveis em um collegio deve ser aferido pelo compartimento que menor quantidade d'elles puder conter nas condições hygienicas requeridas pelo tempo necessario á sua permanencia. Mas, poder-se-ha augmentar, sem perigo, o numero d'estes compartimentos, uma vez conservada em cada um d'elles, todas as regras aconselhadas pela sciencia, de maneira que se possa dar entrada á quantidade de estudantes que se deseje?...

Assim como é vedado, pelas leis da bôa hygiene, admittir-se no mesmo dormitorio, sala de estudos ou de aulas, um numero qualquer de educandos, além do maximo scientificamente prescripto, ainda mesmo restrictamente mantidas as respectivas proporcionalidades cubicas de ar, á cada individuo, da mesma maneira é tambem prohibido aceitar uma quantidade qualquer de alumnos em um internato, por maior que elle seja, ainda mesmo dotado de abundantes salas e dormitorios, nas melhores condições. É que as mesmas leis que, neste sentido, presidem ás áreas menores, presidem, na mesma relação, ás maiores.

«Por mais amplas que supponham-se as dimensões e os recursos, um internato nunca deverá receber mais de 300 alumnos no maximo. Um provedor, um director, apesar de todo o seu zelo e capacidade, apesar do numero e aptidão dos seus auxiliares, não poderia exercer uma vigilancia efficaç e accetiar uma responsabilidade séria, além d'este limite. Ha na quantidade, quando excessiva, uma influencia mysteriosa para o mal, que nullifica todas as precauções e todos os calculos. Não é só o contagio, é a influencia epidemica, não só moral como physica, que é preciso temer em um semelhante meio.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Riant (dr.) *Ob. Cit.*

## EDUCAÇÃO PHYSICA

(Da *Revista de Educação e Ensino* de Lisboa)

(Continuação)

A *gymnastica militar* compõe-se de exercicios militares, marchas, contra marchas, evoluções, jogos de armas, espada, florete, equitação, etc. Esta *gymnastica*, pelo seu fim especial, só deve ser ensinada a quem tenha pelo menos dois annos de exercicios physicos escolares.

Alguns d'elles consideram-n'a e com razão o complemento da primeira.

A *gymnastica hygienica* tem por fim manter o perfeito estado physiologico; indica ao homem a maneira de manter o rigor physico e intellectual e a forma de, por um exercicio quotidiano e regular de suas funcções, favorecer o desenvolvimento das suas faculdades. D'ella depende o jogo regular e o equilibrio entre todas as funcções do organismo. A *gymnastica hygienica* comprehende as *gymnasticas prophylatica, therapeutica, analeptica, e orthopedica*.

A primeira tem como objecto preservar-nos dos estados morbidos, em especial dos que provêm da inacção ou de um esforço intellectual exagerado e permanente. A segunda propõe-se debellar os estados pathologicos, substituindo os medicamentos communs, como por exemplo, na choréa, anemia, escrophulose, entorses, fracturas, etc. A terceira tem por fim restaurar as forças perdidas, resultante dos estragos produzidos pelos excessos morbidos. A quarta procura corrigir certos defeitos organicos, especialmente os osseos, como o scoliose, siphose, lardose, etc.

*Gymnastica acrobatica*.<sup>1</sup> É o conjuncto de exercicios executados quasi sempre a grandes alturas, as mais das vezes em trapezios. É quasi exclusiva dos gymnastas de profissão, dos funambulos, dos truões, etc.

Entre nos teria sido totalmente abandonada a *gymnastica*, si não a ligassem com o acrobatismo. Este mesmo factio deu-se no estrangeiro tambem durante muito tempo; porém, hoje, o acrobatismo, só figura em alguns club fornecedor de artistas para circo; no ensino escolar está quasi completamente abandonado.

Em Portugal, que n'esta parte da educação está na rectaguarda de todas as nações cultas, tarde chegará este

gráo de perfeição, principalmente, quando os professores de *gymnastica* apparecerem sem escola que os educasse.

Actualmente qualquer sujeito que tenha influencia, conheça ou não o assumpto, pode ser professor d'esta especialidade. Não precisa certificado de especie alguma. Lembra-me o Fritz da Gram-Duqueza de Gerolstein que queria ser professor da sua aldeia para aprender a ler.

Está na falta de attenção dos poderes publicos para um assumpto tão grave a causa do horror que muita gente tem ainda pela *gymnastica*, cabe-lhe a responsabilidade de alguns desastres que se têm dado e dos que continuarão a dar-se e de mil outras causas que dariam assumpto para um volume.

Urge que o governo crie uma escola normal para professores de *gymnastica*, um programma geral e uma inspecção especial para este ramo de ensino.

É justo e de direito que a mocidade não esteja exposta aos resultados da falta de conhecimentos especiaes dos que têm a seu cargo um ramo de educação que pode influir no estado geral futuro dos individuos que lhe forem affectos.

(Continúa).

ALFREDO DIAS, *professor de gymnasticas*.

---

*SCIENCIAS*

---

## NOTAS CHRONOLOGICAS

## VI

ANNOS, MEZES, DIAS E SEMANAS, CONFORME A CHRONOLOGIA DOS POVOS ANTIGOS E MODERNOS

*Chronologia dos Eypcios*

Uma das principaes preoccupações instinctivas do espirito humano, foi incontestavelmente a medida do tempo. Antes de saber-se que a terra circula no espaço (diz Hoeffler), os homens já consideravam o sol como o principal ponteiro do grande relógio do mundo; e com effeito, de todos os objectos que affectam os sentidos, o que mais impressiona os olhos é a mudança da claridade para a escuridão, entre duas passagens consecutivas do sol: eis ahi o verdadeiro padrão da medida do tempo.

Se a aquisição da medida do tempo, para a satisfação da necessidade instinctiva, devia proceder do conhecimento exacto do movimento dos corpos celestes, ne-

<sup>1</sup> Alguns auctores chamam-lhe alta *gymnastica*, outros *gymnastica classica*, alguns ha ainda que lhe chamam *gymnastica professional*. O *ym* é sempre o mesmo.

nhum povo sentia maior necessidade d'essa aquisição do que os antigos egypcios, e nenhum paiz gosa de maiores vantagens para a observação do movimento dos astros do que o Egypto.

No Egypto ou Misrain dos antigos, a região chamada valle do Nilo apresenta uma facha estreita e profunda, tendo a léste uma cadeia de montanhas que a separa do mar Vermelho e a oéste a vasta planicie arenosa do deserto. Neste valle, onde o Nilo corre sem nenhum afluente, observam-se phenomenos curiosos. Todos sabem que no Egypto nunca chove ou raramente chove; o céu desnublado apresenta constantemente o aspecto de uma cúpula azulada; a passagem do dia para a noite ou vice-versa não é interrompida pelo crepusculo, como diz Hoeffler, nem matutino, nem vespertino, resultando d'ahi, n'um periodo de tempo determinado, em um anno, por exemplo, poder-se observar a olhos nús, em um maior numero de vezes do que em qualquer outro paiz, o movimento dos astros, desde o seu apparecimento até ao seu occaso. Todos os rios no verão seccam ou diminuem as suas aguas; o Nilo, ao contrario, cresce e trasborda o leito. O Egypto não tem terrenos lavrados, porém, o nateiro depositado nas areias e nas margens paludosas do Nilo, depois do escoamento das aguas, forma uma camada espessa e fecundante que produz com abundancia espantosa tudo o que n'ella se planta. A fertilidade do Egypto tornou-se proverbial na antiguidade, e ainda hoje este paiz gosa de tanta prosperidade que Seignobos o chama um oasis no meio dos desertos da Africa. Antes, porém, de saber-se que as inundações do Nilo eram a causa da fertilidade do Egypto, foram consideradas como um objecto de terror, proveniente da maldição dos deuses. A propria causa das inundações era ignorada; a sciencia não tinha realisado ainda as grandes construcções hydraulicas que deviam mais tarde assegurar aos habitantes do Egypto melhores condições de vida:—construcções taes, como o Mekias ou o Nilometro, o Mceris e outros lagos artificiaes: o primeiro para medir a elevação do Nilo, e os outros para receberem as aguas superabundantes do mesmo rio, que em seu trasbordamento formava antigamente um enorme lago submergindo plantações e aldeias inteiras.

Immensos sacrificios se faziam para aplacar a colera dos deuses, que se apraziam em exterminar os homens e os animaes com repetidos diluvios e pestes.

Os primitivos habitantes do valle do Nilo tinham recorrido a diversos meios para se prevenirem contra as inundações; mas quando menos esperavam estes agentes de destruição, novos flagellos cahiam sobre o povo. No meio da angustia e desespero, invocaram a protecção de

Rá (o sol), que mandou seu filho Thoth, Hermes ou Mercurio, para advertil-os de que as enchentes do Nilo não eram um elemento destruidor, antes um beneficio, uma providencia que os deuses obravam em favor dos egypcios. Thoth viveu muitos annos no Egypto, ensinando aos sacerdotes muitas artes e sciencias, entre ellas a astronomia, a chronologia, agricultura, medicina, escultura, etc.

A tradição remonta a sciencia dos egypcios a uma epoca tão recuada que a sua chronologia se perde em a noite dos tempos.

Deixando de parte os longos periodo fabulosos da sua historia, para attingirmos ao começo da sua civilização, chegaremos á conclusão de que, se esta não vai aos 34,000 annos a que remonta a chronologia egypcia, com certeza é muito antiga, pois tanto esta como as outras instituições, que serviram de norma para todos os outros povos, não se podem explicar sem a mythologia.

O conhecimento do tempo, as suas divisões e applicações aos usos communs, não foram para os antigos egypcios conquistas laboriosas da intelligencia humana, senão uma revelação divina, um aprendizado escolar, em que os deuses ou os seus enviados faziam o papel de pedagogo.

Thoth todos os dias dava aos sacerdotes uma lição de chronologia, e estes a transmittiam ao povo, que ia logo pondo em pratica as instrucções de Thoth.

Eis como este sabio explicou as causas da inundação do Nilo, cuja periodicidade deu origem á chronologia ou sciencia do tempo.

O curso do Nilo segue a direcção de uma meridiana, acompanhando o sol, quando este astro caminha do hemispherio austral para o boreal; chegando o deus da luz ao solsticio do estio, Phtha (deus do fogo) augmenta o calor e derrete as neves dos montes da Ethiopia; estas transformam-se em alluviões produzindo as grandes enchentes que alagam os areiaes. Eis a razão por que o Nilo cresce no verão, quando os outros rios seccam ou diminuem as suas aguas.

Seguindo o sol o seu curso do hemispherio boreal para o austral, corta o equador; ali chegando o astro do dia, começa o equinoxio do outono, e as aguas vão escoando pouco a pouco, deixando e espesso limo por sobre as margens do rio e os extensos areiaes. Este producto serve para fertilizar as terras deseccadas do Egypto, na falta de terras proprias para as plantações.

Rá fez esse grande beneficio ao seu povo, permittindo-lhe colheitas abundantes sem o trabalho de cultivar a terra, trabalho este que é um castigo eterno para os homens dos outros paizes por sua desobediencia para com os deuses. Do solsticio do inverno ao do estio reprodu-

zem-se os mesmos phenomenos das cheias e vasantes do rio Nilo.

Para os egypcios poderem gosar dos beneficios de Rá, precisavam saber com antecedencia o tempo em que deviam começar as inundações, o trabalho das sementeiras, das colheitas, etc., afim de não perderem as searas com inesperadas cheias.

Thoth, reconhecendo a necessidade que tinham os egypcios, mais do que nenhum outro povo, do conhecimento do tempo, ensinou-lhes primeiramente a contar os dias, como a medida chronologica mais facil de conceber-se. O dia civil dos antigos egypcios começava á meia noite.

A divisão do dia em 24 partes iguaes originou-se de um facto que Thoth observou. O cynocephalo, macaco de cabeça de cão, vertia agua doze vezes no dia com intervallos iguaes. Thoth dividio cada intervallo em duas partes, perfazendo ao todo 24 partes iguaes chamadas horas. Eis a origem da divisão do dia em 24 horas, 12 diurnas e 12 nocturnas. O cynocephalo entrou logo em o numero dos deuses dos egypcios, e o numero 12 foi considerado sagrado.

Para regular com exactidão o espaço de uma hora a outra, Thoth ensinou aos sacerdotes a fazerem uso do gnomon e do elepsydro; o primeiro marcava as horas pela sombra, e o segundo pela agua; este ultimo instrumento era muito engenhoso: tinha uma machina occulta que dava passagem á agua cahindo aos pingos n'um recipiente onde fluctuava um mostrador para indicar as horas. Taes foram os primeiros relogios de que os homens serviram-se na antiguidade.

O mez originou-se do movimento da lua e tinha 30 dias solares de um novilunio a outro, repartidos em 4 semanas ou series de 7 dias, conforme a duração das principaes phases da lua. A divisão de 30 por 4, dá  $7\frac{1}{2}$ ; mas não se podia usar senão de numeros inteiros, razão por que prevaleceu o numero 7, que além disso era sagrado, pois recordava o numero dos planetas.

Os dias da semana eram assim denominados:

Dia da Lua . . . (2. <sup>a</sup> feira) . . . . .	1,2,3,4
» de Marte . . . (3. <sup>a</sup> feira) . . . . .	1,2,3,4
» » Mercurio (4. <sup>a</sup> feira) . . . . .	1,2,3,4
» » Jupiter . . (5. <sup>a</sup> feira) . . . . .	1,2,3,4
» » Venus . . (6. <sup>a</sup> feira) . . . . .	1,2,3,4
» » Saturno. (Sabbado) . . . . .	1,2,3,4
» do Sol . . . . (Domingo) . . . . .	1,2,3,4

A semana dos antigos egypcios é a mesma que ainda hoje é usada por todos os povos christãos, excepto os portuguezes e brasileiros que substituem os nomes dos respectivos planetas pelas palavras *feira, sabbado, domingo*.

E' notavel, porém, que tendo sido os dias da semana consagrados aos sete planetas da astronomia antiga, não se achem estes dias na ordem em que essa sciencia distribuia aquelles corpos celestes: Lua, Mercurio, Venus, Sol, Marte, Jupiter e Saturno.

— A causa d'esta alteração é explicada por muitos autores, fundados na opinião de Dion Cassius (liv. xxxvii, ch. xvii). Os egypcios dividiam o dia em 24 horas para os usos civis, e em 4 partes para os actos do culto; cada uma d'estas ultimas divisões estava sob a protecção de um planeta, tomando o dia o nome do planeta protector da 1.<sup>a</sup> parte d'esse dia. Assim o primeiro dia pertencia á Lua, como protectora da 1.<sup>a</sup> parte d'esse dia; a 2.<sup>a</sup> pertencia a Mercurio; a 3.<sup>a</sup> a Venus; a 4.<sup>a</sup> ao Sol: a 1.<sup>a</sup> parte do segundo dia era protegida por Marte, por isso chamava-se *dia de Marte*, em vez de *dia de Mercurio*; a 1.<sup>a</sup> parte do terceiro dia pertencia a Mercurio e não a Venus, etc. Applicando-se esta regra ao quadro acima, acham-se todas as outras correspondencias.

Havia ainda outra maneira de contar mais complicada, referindo-se a protecção das divindades planetarias a cada uma das 24 horas

Além da divisão do mez em 4 semanas, os egypcios dividiam-n'o em 3 decadas, isto é, periodos de 10 dias.

Passemos á formação do anno.

Quando Thoth esteve no Egypto, o nascimento heliaco de Sirio, a mais brilhante estrella do firmamento, coincidia com as inundações periodicas do Nilo.

Este memoravel acontecimento devia assignalar uma nova era para os egypcios; e com effeito a elevação de Sirio na mesma longitude do sol, por occasião das inundações do Nilo, foi marcada como o ponto inicial do anno primitivo que servio mais tarde de estalão para regular a chronologia de todos os povos do mundo.

Segundo as instrucções de Thoth, os sacerdotes observavam dia a dia a posição dos dous astros: o sol, em virtude do seu movimento proprio marchava do occidente para o oriente, e Sirio, acompanhando o movimento diurno da esphera celeste, caminhava do oriente para o occidente.

No dia designado para o 1.<sup>o</sup> do anno, o sol e Sirio nasceram juntos no mesmo ponto do céu, passaram pelo meridiano do logar da observação e juntos ainda desapareceram nas aguas do oceano. No dia seguinte Sirio nasceu um pouco antes do sol que foi o ultimo a occultar-se no occidente, onde a lua, que então se achava em conjuncção, mostrou apenas um filete de luz. Tres mezes depois, contados pelo movimento da lua, Sirio passava pelo meridiano, quando o sol surgiu no oriente; um estava a 90 grãos de distancia do outro, igual a quarta par-

te de um grande circulo da esphera celeste. No fim de 180 dias ou 6 mezes lunares, a distancia entre Sirio e o sol era igual ao espaço que separa o occidente do oriente.

Por essa occasião, os sacerdotes admirados observaram um phenomeno surprehendente: o nascimento do sol no mesmo momento do occaso da estrella e o nascimento da estrella ao pôr do sol. A meia noite Sirio passou pelo meridiano.

No decurso de mais tres mezes, os dous astros estavam distantes um do outro sómente 90 grãos, tendo percorrido ambos em sentido contrario 270 grãos do circulo desde o ponto de partida ou do 1.º do anno, que então contava 270 dias ou 9 mezes lunares.

N'essa posição, Sirio passou pela semi-circunferencia inferior do meridiano, no mesmo instante em que o sol nasceu; ao meio dia, Sirio surgiu no limbo oriental do horizonte, e quando o sol lançou-se nos braços da noite, a estrella brilhava na parte superior do meridiado celeste.

Proseguindo sempre em sua marcha revolutiva, tres mezes depois os dous astros encontraram-se de novo no mesmo ponto, donde tinham partido, completando assim o anno de 360 dias.

Na manhã do 1.º dia do 2.º anno, o sol e o grande Sirio surgiram conjuntamente no céu azulado, annunciando a paz e a felicidade para os habitantes do valle do Nilo.

Os sacerdotes abençoaram o anno novo no meio das aclamações do povo, agradecendo a Rá os beneficios que todos os annos deviam obter por effeito das cheias do Nilo.

Thoth cumpriu a sua missão e despediu-se dos egypcios, indicando-lhes um signal certo para conhecerem a epoca do começo das inundações do rio sagrado; e esse signal era a elevação heliaca de Sirio, que devia como um cão fiel annunciar aos habitantes do Egypto a aproximação das enchentes, para elles se acautelarem contra as devastações das suas searas e dos seus rebanhos.

Eis o anno primitivo dos egypcios:

<i>Mezes</i>	<i>Dias</i>
1.º Thoth.....	30
2.º Paophi.....	30
3.º Athyr.....	30
4.º Khoiay.....	30
5.º Tybi.....	30
6.º Makhir.....	30
7.º Phamenoth.....	30
8.º Pharmuthi.....	30
9.º Pakhon.....	30
10.º Payni.....	30
11.º Epiphi.....	30
12.º Mesori.....	30
	<u>360</u>

Thoth dividiu o anno em tres estações de 120 dias cada uma: 1.ª Shá, estação do principio; 2.ª Pro, estação das sementeiras; 3.ª Shemú, estação das colheitas. Instituiu o culto do Iris e de Osiris, cujo nascimento, morte e resurreição annuaes festejavam-se com muita pompa. Nas epocas das estações, grande numero de festas celebravam-se no Egypto, allusivas todas ás operações da natureza, isto é, o movimento dos astros, os maiores e menores dias, a successão dos dias e das noites, essa alternativa incessante entre a luz e as trevas, representada no combate dos deuses contra os monstros do hemispherio inferior, o dragão e a serpente, que devoravam a lua e apagavam a luz do sol, emfim, uma representação mythologica dos bens e males da vida.

Uma das mais esplenderosas festas era a da renovação do fogo e da agua, no solsticio do estio, isto é, no dia maior do anno. Para commemorar este facto, faziam-se procissões sumptuosas; á noite accendiam-se immensas fogueiras, e completavam-se as ceremonias com sacrificios de homens e de animaes. Os sacerdotes abençoavam a agua e o fogo: a agua era o symbolo da abundancia, porque a fertilidade do Egypto provinha do natteiro, creado pelas aguas do Nilo; o fogo representava o principio da geração, a causa da germinação fecunda das sementes que mais tarde produziam abundantes searas. Assim, comprehendiam perfeitamente os antigos egypcios que a successão dos tempos é a operação evolutiva da natureza, que se renova por seu proprio fogo.

Primeira reforma do anno egypcio.

O anno de 360 dias completos (numero igual ao dos grãos do circulo), calculado pelo tempo decorrido entre duas voltas consecutivas do sol ao circulo de longitude de Sirio, não podia corresponder nem ao anno sideral, nem ao anno tropico; e as consequencias resultantes deste desaccordo deviam logo manifestar-se.

Dissemos acima que o sol e Sirio tinham-se encontrado de novo no fim de 360 dias, unicamente para mostrarmos o intuito dos egypcios que por um erro de observação acreditaram na realidade do facto.

Esta hypothese é inadmissivel, quer se conte a anno em dias sideraes, quer em dias solares medios. Voltando o sol ao mesmo ponto em que esteve em conjuncção com uma estrella, tem percorrido todos os 360 grãos da ecliptica e forma o anno sideral, assim chamado porque



é a estrella que assignala o ponto inicial do movimento do sol. Este anno conta:

em dias sideraes..... 366<sup>d</sup> 6<sup>h</sup> 9<sup>m</sup> 11<sup>s</sup>  
em dias solares medios 365<sup>d</sup> 6<sup>h</sup> 9<sup>m</sup> 11<sup>s</sup>

Tem um dia sideral de mais, porque o sol atraza-se 3<sup>m</sup> 56<sup>s</sup> a respeito da estrella, em cada passagem pelo meridiano, de sorte que, durante o anno, a estrella passa pelo meridiano 366 vezes, e o sol 365. A differença provém da extensão do dia sideral e do dia solar; este tem 24 horas, e aquelle 23<sup>h</sup> 56<sup>m</sup> 4<sup>s</sup>.

O anno civil dos egypcios tinha por base o anno sideral calculado em dias solares medios, por ser esta computação mais commoda aos usos communs; mas tinha o grave defeito de contar sómente 360 dias, em vez de 365, entre duas voltas do sol á longitude da estrella Sirio, como se a variação angular do sol fosse mais accelerada do que realmente é; pois não era possivel que este astro em 360 dias percorresse todos os grãos da ecliptica, quando o seu movimento em ascensão recta por dia medio não corresponde a um grão e sim a 59'8".

Em consequencia da antecipação de 5 dias do anno egypcio sobre o anno sideral, as estações retrogradavam e não correspondiam ás épocas fixadas no calendario; as enchentes do Nilo, que era o signal mais sensivel para regular o anno e pôr de accordo os tempos com os usos civis, foram-se atrazando de mez para mez, de sorte que as cousas chegaram a tal confusão que ninguem podia servir-se do calendario, que já não indicava com exactidão os phenomenes physicos e astronomicos pelos quaes o povo se regulava:— as marés, os ventos quentes do sul e os temperados do norte, as phases da lua, os maiores e os menores dias, etc., marcados para um tempo, succediam n'outro.

Na verdade, todas estas alterações não provinham somente do erro de 5 dias; outras causas concorriam tambem para augmentar os defeitos do anno primitivo:

a) A differença entre o anno sideral e o anno tropico, (de que trataremos depois) tornava impossivel a estabilidade das estações.

b) O excesso de 6<sup>h</sup> 9<sup>m</sup> 11<sup>s</sup> do anno sideral, sendo uma fracção, não podia juntar-se ao anno civil; mas, accumulando-se, formaria uma unidade que devia addicionar-se ao dito anno, ficando este, de 4 em 4 annos, com 361 dias em vez de 360, de modo que no 4.<sup>o</sup> anno a differença seria de 21 dias e não de 20.

c) A medida mensal era maior que a revolução synodica da lua, pela qual pretendeu-se calcular o mez civil, O anno lunar ou 12 lunações tem 354 dias e algumas horas; o anno egypcio tinha 360 dias, isto é, 6 dias a

mais. Não se tendo feito ainda as intercalações embolismaes, para ajustar o anno lunar com o civil, é claro que os novilunios deviam ficar sempre alterados. O mez lunar é de 29<sup>d</sup> 12<sup>h</sup>; suppondo-se, porém esse mez composto de 30 dias, como no anno egypcio, acontecia que de 2 em 2 mezes os novilunios se antecipavam um dia ao tempo determinado no calendario, isto é, ao 1.<sup>o</sup> de cada mez, como se pode verificar pelo seguinte quadro:

1. <sup>o</sup> novilunio.....	1. <sup>o</sup> de Thoth
2. <sup>o</sup> » .....	30 de Thoth
3. <sup>o</sup> » .....	29 de Paophi
4. <sup>o</sup> » .....	28 de Athyr
5. <sup>o</sup> » .....	28 de Khoiay
6. <sup>o</sup> » .....	27 de Tybi
7. <sup>o</sup> » .....	27 de Makhon
8. <sup>o</sup> » .....	26 de Phamenoth
9. <sup>o</sup> » .....	26 de Pharmuthi
10. <sup>o</sup> » .....	25 de Pakhon
11. <sup>o</sup> » .....	25 de Payni
12. <sup>o</sup> » .....	24 de Epiphi
1. <sup>o</sup> » do 2. <sup>o</sup> anno lunar...	24 de Messori

No dia 30 do mez Messori, que era o ultimo do calendario, a lua devia achar-se quasi no quarto crescente, porque já contava 6 dias depois da ultima conjuncção, e como ainda lhe faltavam 23 dias para completar a 1.<sup>a</sup> lunação do 2.<sup>o</sup> anno lunar, esse tempo devia corresponder ao dia 23 do mez *Thoth* do 2.<sup>o</sup> anno civil.

A epacta, isto é, a idade da lua seria VI, no dia 1.<sup>o</sup> de *Thoth* desse anno, e XII no principio do 3.<sup>o</sup> anno, porque o anno lunar deveria terminas no dia 18 de Messori do anno anterior.

Desta maneira era impossivel, sem as precisas correcções, haver accordo entre os mezes civis e os lunares. Para chegar-se a esse resultado, como pretendiam os egypcios, fôra preciso que os 12 mezes civis tivessem 29 e 30 dias alternadamente, afim de ficarem incluídas no computo as 12 horas excedentes de cada lunação, pois seria mais commodo fazer-se a computação por mezes cavos e plenos alternados do que successivamente por mezes de 29<sup>d</sup> 12<sup>h</sup>. O anno teria então 354 dias, e os novilunios cahiriam sempre no 1.<sup>o</sup> de cada mez. Haveria apenas um pequeno defeito a corrigir-se. A lunação não se compõe exactamente de 29<sup>d</sup> 12<sup>h</sup>; ha um accrescimo de 44<sup>m</sup> 2<sup>s</sup>,87, que forma um dia no fim de 33 revoluções synodicas. Podia-se evitar esse inconveniente fazendo-se pleno um mez cavo depois de 33 mezes civis.

Ora, o anno civil assim considerado ficaria justo com o movimento da lua; porém maior seria então a alteração a respeito do movimento do sol, elevando-se a differença entre o anno civil e o sideral a 11 dias em vez de

5,  $(354 + 11 = 365)$ ; e a correspondencia entre elles só poderia effectuar-se com intercalações de mezes embolis-micos.

Taes foram as principaes causas da obliteração do anno primitivo de 360 dias.

Vejamos como os astrônomos egypcios estabeleceram a nova medida annual.

SEVERIANO BEZERRA D'ALBUQUERQUE.

## — METEOROLOGIA —

(Continuação)

I.<sup>a</sup> CLASSE — METEOROS AEREOS

*Dos temporaes*

*Ventos variaveis ou inconstantes* são os que apparecem e desaparecem em tempos e direcções differentes.

Manifestam-se principalmente nas zonas que se estendem além dos tropicos, tornando-se cada vez mais irregulares, a medida que se avança para os polos.

Nos climas glaciaes os ventos sopram por assim dizer de quasi todos os pontos do horizonte.

Na lista dos ventos inconstantes, por isso tambem chamados irregulares, classificamos os *cyclones*, os *tornados* e as *trombas*, phenomenos estes importantissimos no estudo da Meteorologia, como outras tantas fontes de tempestades, que innumerados desastres têm causado á humanidade. A sua observação, o conhecimento das leis que os presidem é a todos capitalissimo, e muito particularmente aos marinheiros.

Vamos, pois, occupar-nos de cada um d'estes meteoros separadamente, ou antes d'estes estados meteorologicos accidentaes de certas porções da nossa atmosphera.

*Cyclone*—é o temporal produzido por uma enorme massa de ar dotada de dois movimentos: o de rotação, em torno de um eixo vertical, e o de translação, executado em uma zona mais ou menos consideravel da superficie terrestre.

A causa do phenomeno é o encontro de duas correntes aereas oppostas: a dos alizeos do nordéste e a do ramo dos alizeos do sudéste, derivado no rumo de sudoéste para nordéste, por occasião das monções, como vimos quando d'este meteoro nos occupamos, no precedente numero d'esta *Revista*.

Todos os meteorologistas são accordes em que a electricidade entre na formação dos cyclones, mas nenhum só explica a maneira como se comporta ella para

a producção do phenomeno. O que é certo é que os cyclones são sempre acompanhados de manifestações electricas em grande escala.

«Para formar idéa de um cyclone é necessario imaginar um turbilhão com 800 a 900 milhas de diametro e animado do movimento de translação, de grande tensão electrica, numerosas descargas, uma enorme massa de nuvens condensando-se continuamente em chuva ou saraiva, e em que o vento augmenta de violencia desde a circumferencia até ao centro, onde existe um espaço mais ou menos extenso, em que ha calmaria e uma rarefação do ar accusada pelo barometro. As mais elevadas vagas que se podem formar agitam o oceano em todos os sentidos, e os seus movimentos, propagados a distancia, vão formar nas costas o terrivel phenomeno denominado *ras de marée*.»<sup>1</sup>

O sentido em que se produz a rotação de um cyclone sobre si mesmo, ou em torno de um eixo vertical imaginario passando pelo seu centro, varia conforme se desenvolve o phenomeno no hemispherio norte ou no do sul. Si o temporal tem lugar no hemispherio austral, a rotação sobre o eixo faz-se no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio, isto é, da esquerda para a direita do observador que olha o polo boreal; si, porém, desencadeia-se no hemispherio opposto, a mesma rotação se faz em sentido contrario.

Como consequencia d'esta rotação, o ar central, mais proximo do eixo, obedecendo á força centrifuga, gerada por um tal movimento, rarefaz-se e é relativamente tranquillo. A velocidade, pois, d'esta rotação varia conforme se approxima ou afasta-se do centro; deve-se, porém, notar que o seu maximo não está na porção mais externa do cyclone, como á primeira vista parece que devera ser e sim á uma distancia media entre o centro e a circumferencia. É ahi que a velocidade rotatoria do temporal attinge á elevada cifra de 250 kilometros por hora ou 40 kilometros por minuto, ou ainda 666 metros por segundo.

É mister prestar bem attenção, para perfeita comprehensão na producção do phenomeno, ao seguinte esclarecimento, que evitará a confusão facil a dar-se sobre o duplo sentido em que se emprega aqui a palavra — *rotação*. Os cyclones têm, rigorosamente fallando, duas rotações: uma, em torno de um eixo imaginario vertical, como acabamos de explicar, organisando o todo, o corpo do meteoro;—e outra que é a rotação mesma da nossa atmos-

<sup>1</sup> Zurcher. Ob. cit.

phera, que o cyclone acompanha, como parte sua, do occidente para o oriente. É por meio d'esta segunda rotação que vamos explicar o movimento de translação dos temporaes.

Em sua translação, os cyclones seguem sempre e invariavelmente duas direcções, descrevendo os ramos de uma parabola, cujo vertice é tangente do meridiano do lugar onde a primitiva direcção se muda. Esta segue para o occidente, ou antes para o nordeste ou sudoeste, conforme o meteoro caminha para o polo do norte ou do sul; depois volta-se para o oriente, ou melhor para nordeste ou sudoeste, segundo gira em um ou outro hemispherio.

A causa d'este duplo percurso é devida ás diferenças na rotação das camadas atmosphericas, no sentido dos parallellos. Com effeito, tendo os cyclones o seu nascimento sempre na zona das calmas equatoriaes, a porção de ar que ahí chega dos outros parallellos vem dotada de uma intensidade de rotação inferior á da propria zona. Entrando, pois, no vasto redemoinho do cyclone, imprime-lhe esta rotação atmospherica, atrazada para o oriente comparativamente á da região das calmas: por esse motivo, os objectos d'esta percutem no mesmo sentido o cyclone, que parece retrogradar ou caminhar para o occidente. E como tambem avança para o polo norte, suppondo o phenomeno n'este hemispherio, a verdadeira direcção que toma é a do nordeste.

Seguindo esta direcção, em que descreve o 1.º ramo da parabola, o temporal vae encontrando parallellos cuja intensidade de rotação para o oriente é cada vez menor, de maneiras que attingirá um d'elles onde se igualem estas duas rotações no mesmo sentido, a do parallello e a do cyclone: então, este parece fazer ahí uma parada, descreve o vertice da parabola, e continua já em rumo intermediario ao norte e ao este, descrevendo o 2.º ramo da dita figura. N'este segundo percurso o temporal avança cada vez mais para o oriente, porque vae passando por parallellos cuja intensidade de rotação é cada vez mais inferior á sua.

Tem-se notado cyclones que, começando com uma velocidade de translação de 2 a 5 milhas por hora, cresce até o vertice da parabola, para crescer de novo chegando a adquerir a enorme rapidez de 18 milhas no mesmo tempo.

A porção de cyclone voltada para o interior da parabola chama-se *bordo perigoso*, e a parte opposta, *bordo maneavel*. Conhecido, pois, o hemispherio onde apparece o meteoro, facil é aos nautas evitarem as catastrophes, indo collocar-se do lado do bordo maneavel. Infelizmente, porém, nem sempre a direcção do phenomeno é conhe-

cida de prompto: e então, em vez de afastarem-se do perigo, vão involuntariamente precipitar-se n'elle.

O diametro dos cyclones é variavel augmentando com a progressão do phenomeno: é assim que, começando ás vezes com a extensão de 250 400 kilometros, chega a terminar-se com uma extensão de 2.000 kilometros.

Assim como o diametro, a altura dos cyclones varia muito. Tem-se observado alguns que não se elevam muito além de 3.000 milhas.

Cinco ou seis dias antes do apparecimento do phenomeno, a natureza como que envia os seus annuncios, prevenindo a imminencia da sua proxima revolução. O céu apresenta a principio um grande numero de nuvens filamentosas, muito adelgadas, parecendo pequenas pastas de algodão, alvas, transparentes. Depois, estas mesmas nuvens tenues e esparsas vão se condensando cada vez mais, perdem a sua transparencia e tomam uma cor leitosa. Mais tarde engrossam ainda mais, tomando uma apparencia um pouco mais escura e deixando ver por curtos intervallos as primeiras nuvens filamentosas, lá muito ao longe.

«Vinte e quatro ou trinta e seis horas antes das primeiras rajadas, uma espessa camada de cumulos-nimbos concentra-se no horizonte que se carrega cada vez mais, tomando ameaçador aspecto.

«A chegada de alguns nimbos baixos, que fogem rapidamente, annuncia que dentro de algumas horas rebentará a tempestade.

«O mar dá igualmente indicios que deve pôr o navegante em guarda. Quarenta e oito horas, muitas vezes até setenta e duas horas antes do cyclone, é agitado por grande marulhada... As aves maritimas de todos os lados vêm para terra, para procurarem abrigo contra a furia do temporal que presentem e que indicam.

«É necessario notar tambem durante alguns dias, como um signal precursor, a côr vermelho-alaranjada das nuvens ao nascer e ao pôr do sol. Reflectida pelo mar primeiramente produz magnificos quadros: «que impoem» diz o Sr. Bridet «um profundo sentimento de admiração a todos os que não suspeitam a imminencia do perigo que annunciam. A medida, continúa elle, que o cyclone se aproxima, esta côr avermelhada adquire um tom mais pronunciado, atirando para a côr de cobre. O aspecto do céu, como precedentemente, offerece aos olhos um admiravel espectáculo; a côr acobreada das nuvens, dentro em pouco é ameaçadora e de sinistro augurio e a apprehensão que d'isso resulta é bem justificada.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Zurcher. Ob. cit.

Os effeitos d'estes meteoros são sempre os mais desastrosos possiveis. Em cada uma de suas passagens, deixam elles apoz si o sulco do exterminio, da devastação, de mil desgraças, que não raro têm cavado o desespero no coração da humana raça. Cidades têm sido damnificadas, edificios destruidos, searas completamente arrazadas, arvores colossaes partidas ou arrancadas com raizes e atiradas pelos ares, navios desgarrados ou perdidos e com elles, muita vez, centenas de vidas. . .

Frequentemente nos annunciam os jornaes desoladoras catastrophes d'esta ordem. Não ha muito que lêmos o telegramma seguinte n'*A Provincia do Pará*:

«UM CYCLONE.—MUITAS MORTES.—*Vienna, 4.*—*Cahiu um cyclone sobre Agram, cidade hungara, capital do comitato do seu nome e de toda a Croacia austriaca, perto do rio Save, tributario do Danubio.*

«*Um trem de caminho de ferro foi arrastado pelo cyclone, causando a morte de muitos passageiros e a destruição quasi completa do comboio.*»

Dois dias depois da publicação d'esta novidade, lêmos no *Diario de Noticias*:

«*Uma horrorosa tempestade cahiu sobre a costa da ilha Mauricio,<sup>1</sup> devastando toda aquella região. As perdas materiaes são enormes e calcula-se que pereceram durante o cataclysmo cerca de 1.200 pessoas.*»

Os mares mais frequentemente acoçados por estes temporaes são:

Os oceanos *Atlantico*, principalmente na sua porção boreal, e *Indico*, sobre tudo na sua parte austral; os mares da *China* e *Vermelho*; e o golfo de *Bengala*. No oceano *Pacifico* muito poucas vezes se manifesta o phenomeno.

As superficies terrestres mais flagelladas, são:

O Continente Africano e as ilhas que o cercam, mais do que em nenhum outro lugar; as ilhas da Malasia, na Oceania; as Antilhas, na America; o sul da Hespanha, as ilhas Baleares, as ilhas Britanicas, na Europa.

A Inglaterra soffre sempre os effeitos dos temporaes que vão do Golfo do Mexico, seguindo a corrente oceanica do *Gulf-Stream*.

(*Continúa*)

DR. A. TAVARES.

## LITTERATURA

### SONETO

*A' minha Mãe*

Oh! minha terna mãe, eu tenho dentro d'alma  
Um cofre d'amargura, um cofre de tristeza;  
E dentro do meu peito, — um ninho sem belleza,  
Implume quer voar um coração sem calma.

As flores da minh'alma eu tenho p'ra te dar  
Em troca desse amor purissimo, divino;  
Eu tenho, oh minha mãe, eu tenho um canto, um hymno  
P'ra sempre, em quanto viva os sonhos te embalar.

Por teu amor de mãe — a gloria que eu procuro,  
Os sons da minha lyra, a voz do coração,  
E ainda mais que a vida, eu tenho o meu futuro.

P'ra amar a Deus e a ti, eu tenho a oração;  
E em quanto eu sonho e vivo em meu pensar escuro  
Accende, oh minha estrella, a luz da inspiração.

ALVARES DA COSTA.

## INSTRUÇÃO PUBLICA

### RELATORIO

*Sr. Director Geral da Instrução Publica.* — Apresento-vos o resultado das visitas a que procedi nas escolas d'esta Capital que para este fim me foram designadas em vosso officio de 2 de Setembro do anno que expira.

Não é tão completo como eu desejava que o fosse, devido as circumstancias n'este mesmo Relatorio mencionadas.

ESCOLA REGIDA INTERINAMENTE PELO PROFESSOR  
JOSEPHINO ROSA LOBATO

Total da matricula 106 alumnos. Frequencia ordinaria 60 a 66.

Visitando eu esta escola ás 8  $\frac{1}{2}$  horas da manhã, apenas encontrei 17 alumnos; mas sendo logo informado da razão d'esta escacez, demorei um pouco a visita, verifi-

<sup>1</sup> No Oceano Indico, ao oriente da Africa.

cando que effectivamente a entrada dos alumnos fazia-se gradualmente, até ás 10 horas.

Fez-me ver o professor que não só a entrada irregular e tardia dos seus discipulos, que assim perdiam uma grande parte das explicações, como a falta de livros de que muitos se queixavam, e a variedade de autores dos compendios apresentados por outros, constituiam para elle uma difficuldade invencivel para a organização regular do ensino por classes. Sendo uma e outra falta devidas á familia dos alumnos, aconselhei-o que fizesse chegar as suas reclamações aos responsaveis d'estes; e que toda vez que um educando chegasse á escola meia hora depois da regulamentar, não admittisse n'esse dia, e levasse o facto ao conhecimento dos pais.

Ponderou-me mais o mesmo professor que o praso das 7  $\frac{1}{2}$  ás 12 horas, marcado pelo novo Reg., que obriga á uma sessão de aula sómente por dia, é por demasiado longo, maçando e aborrecendo as crianças, que perdem toda a attenção nas ultimas horas dos trabalhos, tornando portanto completamente improficuo o ensino que lhes é dado. Mas apesar d'isto, achei esta escola em bom aproveitamento, pois n'ella encontrei um avultado numero de alumnos soffriavelmente preparados.

A casa em que funciona satisfaz as condições exigidas.

#### ESCOLA DA PROFESSORA D. MARIA RIBAS DA COSTA REGO

Total da matricula, 75 alumnas. Frequencia ordinaria, 50, mais ou menos.

A mesma irregularidade na entrada das alumnas, notada na escola precedente, encontrei tambem n'esta.

Estando a professora acamada, eram as aulas regidas por uma adjunta, que havia poucos dias fôra empossada do cargo.

O aproveitamento das alumnas é, n'esta escola, totalmente insignificante: apenas uma unica havia que em portuguez analysava muito mal; nenhuma só das que me foram apresentadas ia, em arithmetica, além da multiplicação, e isto com grande esforço e difficuldade;— a calligraphia de quasi todas nem sequer merecia a nota soffriavel. Emfim, a impressão que me causou esta casa de instrucção foi a peor possivel. Nem livro de matricula existia ali, pois havendo-o pedido para examinar, fui informado de que se achava ha muito tempo na Secretaria da Instrucção Publica, por ter mandado buscal-o o ex-Director Geral José Verissimo.

A casa em que funcionava esta escola, ao largo de

Nazareth, era boa; sei, porém, que já se mudou para uma outra, por exigencias do proprietario.

#### ESCOLA REGIDA INTERINAMENTE PELA PROFESSORA D. GENEROSA LUZIA DE OLIVEIRA

Total da matricula, 85 alumnas. Frequencia ordinaria, 53, mais ou menos.

Declarou-me a sr.<sup>a</sup> professora que havia apenas quatro dias se achava na regencia d'aquella escola, visto a ex-preceptora, d. Gregoria F. das Neves Leão, tel-a deixado por effeito de concurso. Á vista d'esta circumstancia, era natural que a nova mestra desconhecesse ainda qual o aproveitamento das alumnas, por isso não tratei de examinal-as, reservando-me para fazel-o em outra visita.

Fiz notar á professora que a casa onde funcionava a escola era inteiramente insufficiente, pois achavam-se alumnas e mobílias como que amontoadas em uma sala tão pequena: o que não estava em relação com a somma empregada pelo Governo no aluguel de cada uma das casas escolares.

Chamo a vossa attenção, Sr. Director, para esta parte da escola cujo estado acabo de relatar-vos, e peço sobre ponto providencias.

#### ESCOLA DO PROFESSOR PEDRO JOSÉ GONÇALVES PELEJA

No dia em que fui visitar esta escola, o que só me foi possivel fazel-o mui recentemente, já tinham sido os seus alumnos submettidos a exames e achavam-se em ferias. Não pude, por este motivo, proceder ás syndicanças sobre o seu aproveitamento. Acredito, porém, que seriam ellas favoraveis ao professor, attendendo-se ao numero de alumnos que leva aos exames, para o *certificado de instrucção primaria*.

Pela frequencia ordinaria que é de 100 alumnos pouco mais ou menos, evidencia-se perfeitamente a impossibilidade de leccional-os todos diariamente um só professor e um adjunto.

A casa em que trabalha esta escola tem as condições necessarias.

Reservo-me para dar-vos informações mais minuciosas e exactas depois que tiver feito uma outra visita.

Belem, 23 de Novembro de 1891.

BARÃO DE MARAJÓ.

REGULAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA E ESPECIAL DO ENSINO PRIMÁRIO DO ESTADO DO PARÁ.

(Continuação)

TÍTULO III

Dos outros ramos de ensino publico do Estado

CAPÍTULO XV

*Do ensino secundario e mais ramos do ensino publico do Estado*

Art. 225. O ensino secundario será dado no Lyceu paraense, em um curso de sciencias e letras, organizado de accordo com as exigencias do Governo Federal, para matricula dos cursos superiores da Republica.

O ensino normal para formação de professores primarios será dado na escola normal, commum a ambos os sexos, em um curso theorico e pratico.

O ensino profissional e o tecnico serão dados em dois cursos, o commercial e o de agrimensura annexo ao Lyceu Paraense e em um curso theorico e pratico de artes e officios no Instituto Paraense de educandos artifices.

Art. 226. Os regulamentos especiaes de cada um d'estes estabelecimentos determinarão a sua organização, economia e disciplina.

Art. 227. As cadeiras do ensino secundario, normal, bem como as do profissional serão providas por Decreto do Governador, mediante concurso.

Art. 228. A forma d'esses concursos será determinada no Reg. especial de cada estabelecimento.

Art. 229. Para o ensino do desenho e da gymnastica e de artes e officios o Governador poderá contractar no paiz ou fóra d'elle profissionaes de notavel idoneidade, quando não os haja no Estado.

Art. 230. Os professores nomeados na fórmula d'este Reg. são considerados vitalicios e não podem ser exonerados senão:

- 1.º Por condemnação por crime infamante passado em julgado.
- 2.º Por abandono de emprego por mais de 30 dias.
- 3.º Por absoluta negligencia e desidia no cumprimento de seus deveres profissionaes ou máo comportamento habitual com escandalo publico.

§ unico. A nenhum professor será imposta a pena de demissão pela clausula 3.ª d'este artigo senão depois de ouvido, julgado e condemnado pelo Conselho Superior de instrução publica.

Art. 231. São condições necessarias para o professorado publico secundario:

- 1.º Ser cidadão brasileiro no gozo de seus direitos civis e politicos.
- 2.º Não padecer de molestia contagiosa, repugnante, repulsiva ou que, como a gagueira e a surdez, o impossibilite para o magisterio.
- 3.º Não ter soffrido pena por crime infamante.

Art. 232. Os professores do ensino secundario tem direito á vitaliciedade nos termos d'este Reg., e á opositoria quando se acharem nos casos do art. 69 da Constituição do Estado.

Art. 233. As licenças aos professores de que trata este capitulo se regularão exactamente pelas disposições sobre licença aos professores primarios.

Art. 234. As cadeiras communs, a Escola Normal e ao Lyceu Paraense, quando em cada um d'esses estabelecimentos não exijam mais de 6 horas de lição por semana, terão um só professor.

Art. 235. Os professores e lentes interinos não podem votar nem ser votados nas congregações do estabelecimento em que servirem, assim como não podem tomar parte nas commissões julgadoras dos concursos.

Art. 236. Nos estabelecimentos de que trata este capitulo serão exclusivamente empregados os livros adoptados pelo Conselho Superior. Quando os professores queiram adoptar um livro ainda não officialmente adoptado, apresentarão a Congregação respectiva o livro ou compendio que preferirem, dando por escripto as razões de sua preferencia. Aceito ou não o livro pela Congregação, será remettido com o seu parecer e o do professor que o apresentou ao Conselho Superior, que decidirá em ultima instancia.

§ unico. Os professores são livres de empregarem qualquer dos livros adoptados pelo Conselho, não podendo entretanto mudar de compendio senão depois que tiver, o que adoptar, servido durante o periodo do estudo da materia, quando essa não exija livros de diferentes grãos de desenvolvimento.

Art. 237. As substituições dos professores do ensino secundario normal e tecnico se fará de accordo com o disposto no art. 18 d'este Regulamento.

(Continúa)

PROGRAMMA DO ENSINO DO GYMNASIO NACIONAL DO ANNO DE 1891

6.º ANNO

(Continuação)

6. Litteratura portugueza no seculo XVIII. — As academias litterarias. — A Arcadia Ulyssipponense. — Corrêa Garção, Antonio Diniz da Cruz e Silva. D. Reis Quita, Padre Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio), Nicoláo Tolentino de Almeida. — Academia Real das Sciencias. — Nova Arcadia. — Bocage, José Agostinho de Macedo, Curvo Sameda etc. — Tendencias e emancipação politica e litteraria do Brasil.

7. Litteratura brasileira. — Caracteristico nacional da litteratura braizleira. — Factores da litteratura brasileira. — O meio — povo — As raças. — Tradições. — Usos e costumes. — Instituições politicas e sociaes no periodo colonial e autonomico. — Considerações economicas, a industria, o commercio, as artes, etc. — A educação, preconceitos. — Alterações da lingua portugueza no Brazil. — O desenvolvimento litterario no Brazil assignalado em tres épocas ou periodos.

8. Primeiro periodo da historia da litteratura brasileira. — Periodo de formação (1500 a 1750). — Estado do paiz. — Poetas e chronistas do seculo XVI. — Escola bahiana. — Chronistas, oradores e poetas do seculo XVII. — Poetas e escriptores da primeira metade do seculo XVIII.

9. Segundo periodo da historia e litteratura brasileira. — Desenvolvimento autonomico (1750 a 1830). — Escola mineira: poesia épica. — Poesia comico-satyrica. — Poesia lyrica. — Oradores — sagrados. — Poesia religiosa e patriotica.

10. O Brazil no primeiro quartel do seculo XIX. — Os acontecimentos politicos. — A independencia. — Retrospecto do movimento scientifico e artistico, iniciado no seculo anterior e accentuado neste seculo. — Os ultimos poetas classicos. — Transição entre a poesia classica e romantica.

## NOTICIÁRIO

12. Historiadores, economistas, juriconsultos, biographos, theologos e litteratos que floresceram do Brazil de 1750 a 1830.

12. Terceira época ou periodo da litteratura brasileira (1830 a 1870).—O romantismo.—Poesia.—Os épicos.—Os poetas lyricos.—Os poetas dramaticos.—Os prosadores.—Os romancistas.—Os criticos.—Os historiadores.—Os oradores.—Os jornalistas.—O movimento scientifico e artistico neste periodo.

13. Estudo critico sobre a poesia lyrica no Brazil.—A poesia popular.—Principaes poetas lyricos.

14. A poesia épica no Brazil.—Elementos para a epopeia brasileira.—Principaes poetas épicos.

15. Poesia dramatica no Brazil.—Os principaes poetas dramaticos.

17. Estudo critico sobre os principaes chronistas e historiadores brasileiros.

16. O romance no Brazil e seus principaes representantes.

18. A eloquencia no Brazil e seus principaes representantes.

19. O jornalismo no Brazil

*Livros*:—Historia da litteratura brasileira, por Sylvio Roméro. Apostillas do professor.

## 7.º ANNO

**Allemao**—*Revisão da grammatica; leitura e traducção de autores mais difficeis; exercicios de versão e conversação—Estudo completo.*

*Parte theorica;*

Recapitulação da grammatica e desenvolvimento das regras que tenham utilidade pratica.

Noções de litteratura allemã e explicação do sentido das pequenas poesias ou dos dramas, que se derem em aula.

*Parte pratica:*

Traducção, com significados decorados, de trechos de prosa facil—depois, de trechos de autores classicos, prosadores e poetas.

Versão de prosadores modernos e composição, sem auxilio do dictionario, sobre assumpto, para o qual o professor fornecerá os dados necessarios e os vocabulos desconhecidos.

Conversação: a principio com emprego de phrases faceis, depois narrando um conto de Grimm ou conversando sobre uma noticia de interesse actual, com dous dias de preparo.

Revisão quinzenal. Arguição sobre os vocabulos e locuções, que os alumnos tiverem aprendido anteriormente; para o fim, repetição de assumptos dados e tiraços á sorte na occasião, sendo a traducção sem dictionario, a composição ou conversação sem novo preparo.

*Livros*:—Para a parte theorica: a grammatica de Otto. Para a traducção: Gabriel & Supprian, Lesebuch, edição grande.—Grimm, Marchen. Excerptos de Schiller, Goethe e Lessing.

Para a versão: Fausto Barreto, Seleccção litteraria.

Dictionarios: Os de Boesche e de Sachs, edicção pequena.

Para a conversação: Ott, Conversations allemandes.

*Continúa)*

**Aos estudantes pobres, em Chicago**—Do *Rio News*, importante folha diaria dos Estados-Unidos do Norte, extrahimos a seguinte noticia:

A nova universidade de Chicago, á qual o Sr. Rockefeller fez grandes doações, propõe-se a facilitar a todos os estudantes pobres, que a frequentarem, o gozo das maiores vantagens e commodidades. N'este intuito, projecta-se fazer edificar um grande dormitorio, onde se possa conceder quartos confortaveis, modestamente mobilhados, pelo insignificante preço de 40 a 75 centavos (2\$000 e 3\$450 rs. da nossa moeda, ao cambio actual) por semana.

Haverá tambem um *restaurant* cujas refeições não excederão a 2 dollars por semana.

Consta haver já pedidos de 1,500 alumnos de ambos os sexos, que desejam frequental-a.

As aulas começarão em outubro proximo vindouro.

**These**—Fiel ao nosso compromisso, vamos hoje dar uma breve noticia sobre o trabalho apresentado á Academia Medica do Rio de Janeiro pelo distincto paraense Ponciano José Alves de Cabral, por occasião de obter o gráo de doutor em medicina.

S. s. preferindo dissertar sobre assumpto de *Pathologia geral* e *Historia da medicina*, tomou para ponto da sua theze o thema—ESPONTANEIDADE DAS MOLESTIAS.

É obvio que tendo o jovem dr. de occupar-se da manifestação em geral da molestia, vio-se obrigado a mostrar, antes d'isso, o que entende por—*organismo enfermo*. E como a illucidação deste phenomeno prende-se á explicação do que seja um *organismo são*, achou-se insensivelmente s. s. em face d'esta nova questão:—*O que é a vida?*

Não ha, disse-o um escriptor, assumpto algum, sobre que mais se tenha escripto e levantado maior numero de hypotheses, do que o phenomeno da vida. Todavia, apesar de numerosas e variadas, o novel clinico conseguiu historial-as com felicidade mui summariamente, declarando-se, no final d'ellas, francamente partidario da mais modernamente acceita,—*a theoria cellular*.

«Acceitando, escreve o dr. Ponciano, a cellula como o resultado de um gráo tal de composição chimica da materia, que se torna sempre a sede de phenomenos vitaes,

vamos investigar a origem desta combinação cuja consequencia é a vida.»

Depois de entrar em detalhes mais ou menos amplos a respeito, s. s. conclue:

«Pois bem, a attração astronomica, a gravidade, a attração molecular, e desdobramento pela electricidade ou pelo calor, as combinações chemicas, a catalyse ou força de contacto, são palavras representativas do dynamismo intrinseco da materia:—é a sua força em acção. E estes factos merecem tanto a nossa attenção, quando sabemos que é precisamente na ordem das *mutações organicas* que encontramos os seus analogos; são elles ainda testemunhos eloquentes em favor da aptidão ao movimento da materia *organica*.

«Com effeito, desdobramentos tão claros, decomposições tão promptas, metamorphoses tão rapidas se effectuando ao simples contacto dos agentes da natureza, dos quaes nada decorre para uma outra potencia conhecida, só podemos attribuir á força intrinseca da matéria, produzindo movimentos e outras diversas manifestações, É pois d'esta unica propriedade que todos os outros dependem, e só ella é ainda capaz de explicar todos os phenomenos que se operam nos corpos vivos. Em conclusão: *a condensação das diversas forças combinadas produz uma resultante ou um movimento, que se traduz necessariamente pelos phenomenos da vida*, e desde então é ella alimentada pela troca constante entre o meio interno de ser e o meio externo ou cosmico, onde elle vive.»

Muito desejavamos que o distincto paraense em quanto conserva suas ideias frescas sobre o assumpto, nol-o viesse esclarecer em linguagem familiar, pois que o estylo scientifico em que está escripto não fica ao alcance de todos. Illustrado como é, s. s. não desconhecerá a necessidade de combater-se tantos preconceitos erroneos que lavram no seio do povo, mesmo entre aquelles que se presumem com alguns conhecimentos mais amplos.

A *Revista de Educação e Ensino* tem, pois, o prazer de francamente abrir as suas columnas ao dr. Ponciano Cabral, a quem cumprimenta pelo valor scientifico da These que nos offereceu.

**A Escola**—Recebemos o 2.º numero desta util e interessante publicação, orgão dos alumnos da *Escola Normal*.

A illustre collega veio com o seu formato augmentado e optimamente impressa.

Traz bons artigos litterarios, poesias, contos, etc.

Infere-se da leitura d'*A Escola* que, entre os distinctos jovens, aspirantes ao magisterio publico, accentua-se cada vez mais o amor ás lettras e que se proseguirem com perseverança no caminho encetado, brevemente teremos um bem preparado grupo de professores primarios.

Agradecidos comprimentamos mais uma vez aos dignos collegas e lhes apertamos cordialmente as mãos.

**Providencias**—Ao sr. Administrador do Correio, n'esta Capital, endereçamos o seguinte:

«*Sr. Administrador.*—Surprehendendo-nos constantemente reclamações, já dos nossos assignantes do interior, já de varios collegas do Sul, motivadas por irregularidades e faltas mesmo no recebimento da *Revista de Educação e Ensino*, resolvemos trazer-vos directamente as nossas queixas, pedindo-vos ao mesmo tempo energicas providencias.

Não podemos deixar de attribuir estes factos a Repartição ao vosso cargo, visto como identicos se dão aqui frequentemente connosco. É assim que, não obstante termos a caixa n.º 312 do Correio e o nosso Escriptorio annuciado á rua 15 de Novembro n.º 15, as nossas correspondencias não são depositadas em lugar certo, sendo-nos muitas vezes levadas á nossa residencia particular, ou, o que é peor, deixadas em casas extranhas, como acaba de acontecer com o vosso proprio convite para visitarmos o novo predio, onde actualmente funciona a vossa Repartição, e com um officio do Director do «*Pedagogium*» a nós endereçados, os quaes foram ter ao collegio *Atheneu Paraense*.

Esperando, de vossa bondade e zelo, sermos attendidos, assignamo-nos de V. S.<sup>a</sup>

Cr.º Obr.º

O Director—OCTAVIO PIRES.

Pará, 27 de Junho do 1892.

**Agradecemos** penhorados o obsequioso convite que nos dirigiu o digno sr. Administrador do Correio, para visitarmos o novo predio da Repartição, que passa a funcionar de ora em diante á praça Visconde do Rio Branco, vulgo das Mercez,



**Distribuição de credito aberto pelo decreto n.º 722 A de 30 de Janeiro de 1892.**

INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA DA CAPITAL FEDERAL

*Pessoal*

1 inspector geral com 7:200\$000 de ordenado e 3:600\$000 de gratificação.....	10:800\$000
1 secretario com 3:200\$000 de ordenado e 1:600\$000 de gratificação.....	4:800\$000
2 officiaes com 2:666\$000 de ordenado e 1:334\$000 de gratificação.....	8:000\$000
6 amanuenses com 2:000\$000 de ordenado e 1:000\$000 de gratificação.....	18:000\$000
1 archivista com 2:000\$000 de ordenado e 1:000\$000 de gratificação.....	3:000\$000
1 almoxarife com 2:000\$000 de ordenado e 1:000\$000 de gratificação.....	3:000\$000
1 porteiro com 1:333\$333 de ordenado e 666\$667 de gratificação.....	2:000\$000
1 continuo com 934\$000 de ordenado e 466\$000 de gratificação.....	1:400\$000
1 correio com 934\$000 de ordenado e 469\$000 de gratificação.....	1:400\$000
7 inspectores escolares com 3:334\$000 de ordenado e 1:666\$000 de gratificação	35:000\$000

*Conselho director*

Inspector geral, presidente, com a gratificação de.....	1:200\$000
2 reitores do Gymnasio Nacional com a gratificação de 1:206\$000 cada um....	2:400\$000
Director da Escola Normal com a gratificação de.....	1:200\$000
Director do Museu Nacional idem, idem	1:200\$000
2 lentes de cursos superiores com 1:000\$ de gratificação cada um.....	2:000\$000
1 dito do Gymnasio Nacional com a gratificação de.....	1:000\$000
2 professores primarios de 1.º e 2.º grãos com 800\$000 de gratificação cada um	1:600\$000
	<u>98:000\$000</u>

*Material*

Objectos de expediente.....	4:000\$000
Serventes.....	3:000\$000
Premios a autores de trabalhos escolares	8:000\$000
Publicações, livros e eventuaes....	20:920\$000
	<u>98:800\$000</u>

INSTRUÇÃO PRIMARIA DO 1.º E 2.º GRÃOS

*Pessoal*

120 professores de escolas de 1.º gráo com 2:000\$000 de ordenado e 1:000\$000 de gratificação.....	360:000\$000
160 professores adjuntos com 934\$000 de ordenado a 466\$000 de gratificação....	224:000\$000
3 directores de escolas do 2.º gráo com 1:000\$000 de gratificação.....	3:000\$000
3 directores de escolas do 2.º gráo com 2:000\$000 de ordenado e 1:000\$000 de gratificação.....	9:000\$000
6 professores de mathematicas elementares das escolas do 2.º gráo com 2:000\$ de ordenado e 1:000\$ de gratificação..	18:000\$000
6 professores de sciencias physicas e historia natural em escolas do 2.º gráo com 2:000\$000 de ordenado e 1:000\$000 de gratificação.....	18:000\$000
15 professores em escolas do 2.º gráo, a saber: 3 de portuguez e calligraphia, 3 de francez, 3 de geographia, 3 de historia e 3 de economia politica a 2:000\$ de ordenado e 1:000\$ de gratificação	45:000\$000
15 ditos a saber: 3 de desenho, 3 de gymnastica, 3 de musica, 3 de trabalhos de agulha e 3 de trabalhos manuaes a 1:000\$000 de ordenado e 800\$000 de gratificação.....	36:000\$000
Gratificações addicionaes a professores...	30:000\$000
Auxilio a professores que não residem nos predios escolares.....	10:000\$000
	<u>753:000\$000</u>

*Material*

Aluguel de casas para escolas de 1.º e 2.º grãos.....	281:200\$000
Subvenção a escolas particulares.....	45:000\$000
Expediente das escolas.....	120:000\$000
Mudança de escolas.....	3:000\$000
Acquisição de mobílias, material e livros escolares: reparos dos existentes.....	63:640\$000
Livros de escripturação, mappas, cartões etc.	4:000\$000
Auxilio aos inspectores escolares para despesas de transporte.....	5:000\$000
	<u>521:840\$000</u>

Secretaria de Estado dos Negocios da Instrução Publica, Correios e Telegraphos, 30 de Janeiro de 1892 — José Hygino Duarte Pereira.

**Veto**—Faz-se publico, nos termos do art. 37 § 2.º da Constituição Federal, o acto pelo qual o Sr. Presidente da Republica negou sancção ao seguinte decreto do Congresso Nacional.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º Serão titulo para matricula dos cursos superiores da União os exames terminaes feitos nos estabelecimentos particulares de ensino, que, por sua organização, embora não se proponham ao preparo para os actuaes exames officiaes, exigidos como condição de matricula nos cursos superiores, adoptem um programma de ensino integral, uma vez que abrajam a lingua materna, duas linguas estranhas, o latim para os cursos de direito, a arithmetica, algebra, geometria e trigonometria, a mecanica elementar e astronomica, a physica e chimica, a botanica, zoologia e physiologia, a historia e a geographia geral e patria, noções de economia politica e instrucção civica, o desenho e a musica vocal.

Art. 2.º A requerimento do director d'esses estabelecimentos, nomeará o director dos cursos superiores, em que os candidatos se queiram matricular, um commissario especial, que assistirá a todo o processo dos exames e terá o direito de *veto* sobre o julgamento de capacidade dos alumnos, para o effeito de não serem admittidos á matricula aquelles contra quem o interpuzer.

Art. 3.º Terminados os exames, o commissario especial remetterá ao curso superior que o nomeou uma relação dos alumnos que houveram sido approvados com o seu assentimento e uma outra dos que não houverem obtido o seu *placet*, e a primeira d'essas relações será publicada, sómente tendo direito a matricula os candidatos n'ella incluídos.

Art. 4.º Serão dispensados da fiscalisação de que tratam os artigos anteriores, *ex-vi* da lei, aquelles estabelecimentos de ensino que durante 10 annos houverem obtido o *placet* do commissario especial para todos os alumnos apresentados a exame.

Art. 5.º Os estabelecimentos de ensino organizados e mantidos pelos estados, uma vez accomodados ás condições do art. 1.º, poderão aproveitar-se de todas as disposições d'esta lei.

Art. 6.º Revogam-se as disposições em contrario.—Camara dos Deputados, 12 de Janeiro de 1892.—*Bernardino de Campos*, Presidente; *Eduardo Mendes Gonçalves*, 1.º Secretario; *Antonio Borges de Athayde Junior*, 2.º Secretario.

Deixo de sancionar o presente decreto do Congresso Nacional pelas razões que passo a expôr:

Dar aos estabelecimentos particulares de ensino a faculdade de habilitarem alumnos para os estudos superiores, pratica esta que ainda não foi adoptada por nenhum dos paizes de cultura mais adiantada, seria comprometter gravemente a causa da instrucção publica em nosso paiz, onde os institutos particulares de ensino secundario são em sua generalidade faltos de pessoal docente devidamente habilitados, dispõem apenas de fraquissimos recursos materiaes e carecem absolutamente de uma verdadeira orientação pedagogica.

Effectuados os exames no seio d'esses institutos cujos vitaes interesses estão estreitamente ligados ao numero de approvação dos alumnos, que constitue para elles o maior incentivo á confiança e frequencia publica, não fôra licito considerar o seu resultado como a genuina expressão de um julgamento cabal e sincero.

Nem a fiscalisação exercida pelo commissario especial de que trata o art. 2.º póde reputar-se garantia efficaz da verdade de tal julgamento.

Além de exigir, por parte do commissario, excepcional competencia em grande numero de disciplinas, encontraria na pratica sérias difficuldades para se exercitar convenientemente e poderia ser facilmente illudida, attentas as circumstancias especiaes em que teria de realizar-se.

D'essa fiscalisação já necessariamente imperfeita e insufficiente são ainda dispensados, pelo art 4.º do decreto, os estabelecimentos particulares que durante 10 annos houverem obtido o *placet* do commissario especial para todos os alumnos apresentados a exame; o que importaria garantir-lhes indefinidamente essa prerogativa, embora a viessem a desmerecer posteriormente á época da aquisição.

Accresce que o processo estabelecido no mencionado decreto contraria de frente o systema adoptado na ultima reforma do ensino publico, em virtude da qual as habilitações dos examinandos serão avaliadas com outra exactidão e segurança mediante provas successivas de sufficiencia, finaes e de madureza.

São estas as principaes razões que me determinam a não sancionar o alludido decreto do Congresso Nacional.

Capital Federal, 21 de Janeiro de 1892.—FLORIANO PEIXOTO—*José Hygino Duarte Pereira*.

Pharmacia "Beirão"

Rua do Cons. João Alfredo

(Vulgo da Cadeia)

(Proximo ao jardim das Mercez)



Pharmacia "Beirão"

Rua do Cons. João Alfredo

(Vulgo da Cadeia)

(Proximo ao jardim das Mercez)

MARCIANO BEIRÃO

Inventor  
proprietario do

**Licor Anti-Periodico de Café Quinado Beirão**

Efficaz  
na cura das sezões

UNICO VERDADEIRO

Recommendado por toda a imprensa do Pará e pelo povo, receitado por medicos distinctos, analysado, ensaiado e approvedo pela illustrada Inspectoria de Hygiene dos Estados-Unidos do Brazil.

Unico legal e devidamente registrado por Accordão do Egregio Tribunal da Relação.

## MARAVILHOSA DESCOBERTA

Pilulas do Dr. C. Novaes

Preparadas especialmente para este clima, as PILULAS DO DR. C. NOVAES são as que melhores resultados tem dado na cura das

### Febres Palustres ou Sezões

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES combatem ás sezões e todas as febres de fundo palustre.

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES debelam a inflammação do figado que resulta das sezões.

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES sendo ligeiramente purgativas, combatem a opilação de inchação que quasi sempre acompanha aquella enfermidade.

AS PILULAS DO DR. C. NOVAES evitam as rechidas constantes uma vez que o doente guarde a dieta precisa.

Vós, que soffreis de sezões tomae as verdadeiras — PILULAS DO DR. C. NOVAES!

Vós, que tendes o figado inflammado em consequencia de repetidos accessos de sezões, lancae mão das — PILULAS DO DR. C. NOVAES!!

Vós, que estaes opilado, que tendes os rostos e as pernas inchadas, não tenhas a menor duvida em uzar das maravilhosas — PILULAS DO DR. C. NOVAES!!!

Não é uma panacea que annuncia-se, o autor garante os bons effeitos das — PILULAS DO DR. C. NOVAES porque até hoje ainda não falhou uma só vez e o emprego d'estas pilulas cresce de dia para dia.

As verdadeiras — PILULAS DO DR. C. NOVAES — levam a sua assignatura em tinta preta e encarnada.

## REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO

AOS SRS. EDITORES E AUTORES

A *Revista* dará uma noticia bibliographica completa ou, conforme a importancia da obra, um artigo critico sobre os livros que lhe forem remettidos, principalmente sobre aquelles que interessarem o seu fim principal.

*As assignaturas e annuncios tomam-se exclusivamente na Livraria Bittencourt. Rua 15 de Novembro.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida:

Ao Director da Revista de EDUCAÇÃO E ENSINO

Caixa do correio, 312 — PARÁ

Editores — Tavares Cardoso & C.<sup>a</sup> — Editores

LIVRARIA UNIVERSAL

JOSÉ VERISSIMO

# SCENAS DA VIDA AMAZONICA

Com um estudo sobre as populações indigenas e mestiças da Amazonia

1 volume 3\$000 réis

# ESTUDOS BRAZILEIROS

LITTERATURA, HISTORIA, ETHNOGRAPHIA, CRITICA

1 volume 3\$000 réis

Pará — LIVRARIA UNIVERSAL DE TAVARES CARDOSO & C.<sup>a</sup> — Brazil

RUA DO CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO

## AS PILULA ANTI-FEBRIS

DO

**Dr. Souza Castro, Barão de Anajás**

CURAM AS SESÕES E SUAS CONSEQUENCIAS, O RHEUMATISMO INFECCIOSO, ETC. SÃO AS MAIS BARATAS

## Agua alcalino arsenical lithinada

DO

**Barão de Anajás**

É vantajosamente empregada no tratamento da diabetes, nephrite, affecções da pelle, rheumatismo, molestias dos pulmões e do apparelho gastro-intestinal, anemia e nevrose em geral.

Deposito na Tr. 7 de Setembro n. 20, escriptorio de J. Taveira.

## Productos da Chocolateria Paraense

Chocolate fino, superfino e especiaes, preços de meio kilo — 900 réis a 2\$000 réis.

Cacão pulverisado 250 grammas 1\$000 réis; 500 grammas 1\$900 réis.

Manteiga de cacão, kilo 4\$000 réis.

Farinha de castanha, kilo 1\$500 réis.

Azeite doce refinado de castanha para mesa e cosinha, garrafa 1\$500 réis.

## Chocolate Paraense Iodado

*Approvado pela Inspectoria de Hygiene e por ella aconselhado ás pessoas debilitadas, convalescentes, ás quaes soffrem de molestias pulmonares e outras affecções dyscrasicas e adynamicas.*

## Remedio efficaz

Attestamos que em nossa clinica temos obtido bons resultados do emprego do *Chocolate Paraense Iodado*, preparado na Chocolateria Paraense, nos casos de tísica pulmonar, chlorose e chloroanemia, anemia em geral, rachitismo, escrophulas, affecções dos ossos, debilidade geral e convalescências.

Recommendamos, pois, este excellente preparado como um reconstituente poderoso, e que pode ser usado sem inconveniente por qualquer pessoa.

Pará, 16 de Outubro de 1891.

*Barão de Anajás.*

*Dr. Luiz Bahia.*

*Dr. Americo M. Santa Rosa.*

*Dr. Silva Rosado.*

*Dr. Pereira de Barros.*

*Barão da Matta Bacellar.*

Deposito Central a estrada de S. José n. 69.